A importância da arte na sociedade atual

Vivemos em uma sociedade marcada pela velocidade, pelo excesso de imagens, pela exposição permanente, pela tecnologia, pelo consumo e por profundas desigualdades. Nunca produzimos e compartilhamos tantas imagens e, ao mesmo tempo, talvez nunca tenha sido tão necessário reaprender a olhar. Nesse contexto, compreendo que a importância da arte não está apenas naquilo que ela representa, mas na capacidade que possui de interromper automatismos, provocar perguntas e criar espaços para outras formas de perceber a nós mesmos, o outro e o mundo.

A arte contemporânea já não pode ser compreendida apenas como objeto destinado à contemplação. Ela pode acontecer no encontro, na experiência, no território, na relação, na tecnologia, na participação e na construção coletiva. Pensadores como Hans Belting e Georges Didi-Huberman ajudam a questionar uma história da arte única, linear e fechada; Santaella e Manovich nos fazem perceber como as linguagens se transformam diante das tecnologias e da cultura digital; e Françoise Vergès nos provoca a perguntar quais histórias foram legitimadas, quais sujeitos foram silenciados e quais estruturas de poder ainda organizam nossas instituições culturais.

Por isso, para mim, fazer arte hoje também é perguntar: quem pode falar? Quem pode ser visto? Que memórias merecem permanecer? Que experiências continuam invisíveis?

É nesse ponto que minha compreensão da arte se aproxima de Rancière, Grant Kester e Pablo Helguera. A arte pode reorganizar aquilo que é visível e audível, criar relações e produzir espaços de diálogo. Isso não significa que o artista deva assumir o lugar de quem possui respostas ou de quem pretende “salvar” ou transformar o outro.

Tenho compreendido cada vez mais que a arte não transforma o outro por si mesma; ela pode criar condições para que o outro se reconheça como sujeito capaz de realizar sua própria travessia.

Essa diferença é fundamental para o meu posicionamento.

A arte pode oferecer uma pausa onde havia pressa. Pode criar escuta onde havia silêncio. Pode tornar visível uma experiência que ainda não tinha encontrado linguagem. Pode aproximar pessoas que habitam realidades distintas. Pode provocar consciência diante da injustiça, mas também preservar memória, identidade, espiritualidade, pertencimento e esperança.

Nesse sentido, minha prática artística e educativa se estrutura a partir da ideia de travessia. A experiência artística pode criar um território entre aquilo que vivemos e aquilo que fazemos com o vivido. Entre a dor e sua ressignificação. Entre memória e possibilidade. Entre aquilo que já somos e aquilo que ainda podemos nos tornar.

Esse pensamento também encontra diálogo com Viktor Frankl: não porque toda dor precise receber uma justificativa ou ser transformada em algo positivo, mas porque o ser humano possui capacidade de produzir sentido diante da existência. Para mim, a arte pode participar dessa produção de sentido. Não oferecendo respostas prontas, mas criando perguntas, experiências e possibilidades.

E talvez seja justamente aí que esteja uma das maiores necessidades da arte em nosso tempo.

Em uma sociedade que frequentemente reduz pessoas a números, imagens, diagnósticos, desempenho ou consumo, a arte pode devolver complexidade à experiência humana. Diante da aceleração, pode produzir presença. Diante da indiferença, pode provocar sensibilidade. Diante do apagamento, pode produzir memória. Diante da uniformização, pode afirmar diferenças. Diante do silêncio, pode abrir espaço para a expressão.

Por isso, não defendo uma arte isolada da vida.

Defendo uma arte comprometida com a experiência humana. Uma arte que questiona, escuta, incomoda e acolhe. Uma arte capaz de criar encontros entre estética, consciência, memória, dignidade e sentido.

Não acredito que a arte sozinha possa resolver os problemas do mundo.

Mas acredito profundamente que ela pode alterar nossa maneira de ver o mundo — e de nos posicionarmos dentro dele.

E talvez toda transformação possível comece justamente aí: quando aprendemos a ver aquilo que antes não conseguíamos — ou não queríamos — enxergar.

Para mim, a arte é esse território de travessia: não entrega ao outro um destino, mas cria condições para que ele reconheça sua própria história, sua dignidade e a possibilidade de construir novos sentidos para existir.